

Yaguarê Yamã e sua poética da encantaria: uma leitura do conto “As duas cobras encantadas”

Yaguarê Yamã and his poetics of enchantment: a reading of the short story “As duas cobras encantadas”

Francisco Bezerra dos Santos¹

Alex Viana Pereira²

Resumo: Este artigo analisa o conto “As duas cobras encantadas”, do escritor indígena Yaguarê Yamã, presente no livro *O caçador de histórias* (2004), com ênfase nos elementos amazônicos e sobrenaturais presentes na narrativa, interpretados à luz do conceito de encantaria, conforme definido por Paes Loureiro. A análise aborda a relação entre humanos e encantados, destacando como a cosmologia amazônica dissolve as fronteiras entre espécies e realidades. Além disso, examina como o autor utiliza a encantaria para construir um universo literário em que o sobrenatural serve como meio de transmitir saberes ancestrais profundamente conectados à floresta e ao rio. Por fim, discute o papel da literatura indígena na valorização das tradições e mitos amazônicos, reafirmando a força simbólica e cultural de seus elementos.

Palavras-chaves: Encantaria; Yaguarê Yamã; Literatura Indígena.

Abstract: This article analyzes the short story “As duas cobras encantadas”, by indigenous writer Yaguarê Yamã, in the book *O caçador de histórias* (2004), with an emphasis on the Amazonian and supernatural elements present in the narrative, interpreted in the light of the concept of enchantment, as defined by Paes Loureiro. The analysis addresses the relationship between humans and the enchanted, highlighting how Amazonian cosmology dissolves the boundaries between species and realities. It also examines how the author uses enchantment to construct a literary universe in which the supernatural serves as a means of transmitting ancestral knowledge that is deeply connected to the forest and the river. Finally, it discusses the role of indigenous literature in valuing Amazonian traditions and myths, reaffirming the symbolic and cultural strength of its elements.

Keywords: Enchantment; Yaguarê Yamã; Indigenous literature.

Introdução

As narrativas indígenas contemporâneas constituem um espaço privilegiado de expressão dos saberes ancestrais e das relações simbólicas entre os rios e as florestas. Essa poética reflete uma cosmologia que vai além das fronteiras entre o natural e o sobrenatural, evidenciando a interdependência entre todos os seres que habitam o universo.

Como parte desse contexto, o escritor indígena Yaguarê Yamã, de etnia maraguá e sateré-mawé, constrói suas narrativas em diálogo com essas perspectivas, destacando a riqueza cultural e os valores que permeiam a relação dos povos amazônicos com seu território.

¹ Doutor em Letras – Estudos Literários (UFPR), Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *campus* Vacaria. E-mail: francisco.santos362@gmail.com.

² Doutorando em Letras – Estudos literários (UFPR). E-mail: alexviana742@gmail.com.

Conhecido por suas histórias de assombrações, o autor resgata as narrativas mitológicas do seu povo e apresenta para a sociedade outros modos de pensar o homem, os bichos e os seres encantados que povoam o universo.

Exemplo disso é o conto objeto deste estudo, “As duas cobras encantadas”, presente na coletânea *O caçador de histórias* (2004). O conto revela de forma singular a temática da encantaria, um elemento central na poética de Yamã. A narrativa apresenta a dimensão mágica da relação entre humanos e encantados e o entrelaçamento entre o cotidiano e o sobrenatural na cosmologia amazônica.

Com base nessa premissa, este estudo tem como objetivo principal analisar o conto supracitado, destacando os elementos que podem ser compreendidos como parte das encantarias. Por meio dessas narrativas, o autor transmite saberes ancestrais, valoriza as tradições culturais de seu povo, contribuindo para a preservação de uma visão de mundo profundamente enraizada na conexão com a floresta. Paralelo a isso, discute-se o papel fundamental da literatura indígena no cenário nacional, tanto para a manutenção quanto para o enaltecimento das tradições e mitos amazônicos.

Yaguarê Yamã e sua poética da encantaria

Com mais de três dezenas de livros publicados por diversas editoras brasileiras, o escritor indígena Yaguarê Yamã vem disseminando há mais de duas décadas a literatura de visagens (miragens e assombrações) e ganhando cada vez mais espaço no cenário literário nacional e internacional. Trata-se de narrativas que nascem no coração da floresta amazônica e revelam os saberes ancestrais dos povos originários. Por esse caminho, a poética de Yaguarê Yamã proporciona uma imersão ao mundo das encantarias, já que a matéria-prima dos escritores e escritoras indígenas na maioria das vezes são os simbolismos, os mitos e os saberes tradicionais que norteiam os modos de ser e de viver de suas etnias.

Para o poeta e teórico Paes Loureiro (2008), as encantarias são definidas a partir do espaço mítico. Nesse sentido, são nos mitos que habitam os encantados, formados pelos rios, florestas, animais, o devaneio e o imaginário. Ainda de acordo com o estudioso, as encantarias “estariam localizadas acima das nuvens e abaixo do céu, como também nas florestas e no fundo dos rios” (LOUREIRO, 2015, p. 108). Dito de outra forma, as encantarias são uma espécie de limbo onde as entidades da diversificada teogonia amazônica se reúnem desde sua origem.

As encantarias amazônicas são uma zona transcendente que existe no fundo dos rios, correspondente ao Olimpo grego, habitada pelas divindades encantadas que compõem a teogonia amazônica. É dessa dimensão de uma realidade mágica, que emergem para a superfície dos rios e do devaneio, os botos, as iaras, a boiúna, a mãe do rio, as entidades do fundo das águas e do tempo (LOUREIRO, 2007, s/p).

O conceito das encantarias amazônicas, como descrito por Loureiro (2007), revela uma visão de mundo profundamente integradora e holística, característica das sociedades indígenas da Amazônia. Para esses povos, as encantarias não são meras abstrações ou mitos distantes, mas sim uma realidade vivenciada e tangível, que coexiste com o cotidiano das comunidades. Nesse contexto, é comum encontrar nas obras de Yaguarê Yamã seres encantados como botos, curupiras, mapinguaris, makukawás, boiúnas, kãweras, entre outros que comungam a vida com os povos amazônidas.

Os seres presentes na poética do escritor em questão, originários das encantarias, não são entidades separadas ou distantes, mas parte de um todo integrado que abarca tanto o plano espiritual quanto o mundo natural. Nas narrativas do autor, o mito não é apenas um elemento central, mas uma expressão viva da realidade cotidiana dos povos amazônicos. Encantados e espíritos guardiões não são figuras abstratas, mas manifestações concretas de forças que habitam e protegem elementos naturais como a água, a terra e a floresta. Essa relação não é de domínio ou separação, mas de pertencimento e reciprocidade, evidenciando que o sagrado não está apartado do ambiente, mas é parte indissociável dele. Tais seres não existem em isolamento, pois sua existência está profundamente entrelaçada com o cosmos espiritual e o mundo físico, refletindo uma visão de mundo em que tudo está interconectado e em constante diálogo.

Sob essa perspectiva, ainda é importante dizer que nas narrativas de Yaguarê Yamã, os encantados também podem ser vistos como deuses e semideuses que habitam os encantos ou encantarias e são responsáveis por orientar e disciplinar aqueles que maltratam a natureza. Assim, esses seres protetores possuem papéis fundamentais contra a destruição da fauna e da flora amazônica, mesmo que suas estratégias para alcançarem seus objetivos sejam aterrorizar os seres humanos através de metamorfoses, encantamentos, loucuras e mortes.

O conto “As duas cobras encantadas”: relações entre humanos e encantados na encantaria amazônica

A narrativa “As duas cobras encantadas”, presente na coletânea *O caçador de histórias* (2004), é ilustrativa para uma poética da encantaria nas obras de Yaguarê Yamã. O escritor transpõe para o papel uma narrativa extremamente difundida pelas paragens amazônicas, que inclusive, foi tema do primeiro livro de poesias do poeta modernista Raul Bopp, *Cobra Norato*, publicado em 1931.

Classificada pelo autor como uma história de arrepiar, a narrativa começa com a apresentação dos personagens, situando o leitor no tempo mítico do acontecimento. Esse início também nos remete à natureza oral da história, ressaltando que essa é, e sempre será, uma das formas tradicionais dos povos indígenas e beiradeiros transmitirem seus conhecimentos. Yaguarê Yamã como parte de dois grupos étnicos, situa-se nesse espaço da tradição oral e dos mitos indígenas que explicam determinados fenômenos pertencentes a esse espaço animista que é a Amazônia, um universo onde a vida pulsa em todas as suas formas. Nessa cosmovisão, própria dos povos indígenas e comunidades tradicionais que habitam a região, todos os elementos da natureza são dotados de intencionalidade e agência.

Nesse diapasão, é importante destacar o papel crucial da escrita no movimento de registro e divulgação das narrativas indígenas. A escrita, ao fixar as histórias que antes circulavam apenas oralmente, permite que elas transcendam os limites das comunidades locais, alcançando um público mais amplo e diversificado. Nesses casos, a escrita não substitui a oralidade, mas complementa-a, funcionando como uma ferramenta de valorização e difusão das culturas indígenas. Ao transpor as narrativas orais para o papel, o autor não apenas as preserva para as futuras gerações, mas também as coloca em diálogo com outras formas de conhecimento, contribuindo para o reconhecimento e a valorização das cosmovisões indígenas em um contexto global.

A narrativa adquire características singulares ao relatar uma misteriosa gravidez que acomete uma mulher do povo mawé, habitante da região do Tapajós, enquanto ela se banhava às margens do rio. O cenário no início da narrativa nos remonta ao contexto caboclo ribeirinho, em que o rio e a floresta ocupam grande centralidade. Em Paes Loureiro (2003), o rio e a floresta são vistos como enigmas da Amazônia. Os habitantes desse espaço, ao mesmo tempo que usufruem de seus recursos, também os resignificam e os transformam de maneira profunda. Essa capacidade transfiguradora orienta as trocas e traduções simbólicas da cultura.

Na narrativa, com a gravidez misteriosa, surgem as especulações sobre o pai, o que desencadeia entre alguns pajés a suspeita de que o feito seria de autoria de Sukuyú´werá, a mãe das cobras, espírito das águas. Os eventos em torno da figura da cobra é algo que permeia o imaginário amazônico, que segundo Lagrou (2009) torna essa associação, antes de um caso particular, um dado transcultural amazônico, um símbolo-chave da região.

Como resultado da gravidez, a mulher, cujo nome não é mencionado na narrativa, teve um casal de gêmeos. “Quando os viu, a parteira quase morreu de susto. A mulher começou a chorar. Seus filhos não tinham forma humana. Eram duas serpentes escorregadias que deslizavam da mão da parteira” (YAMÃ, 2004, p. 59-60). Nesse espaço compartilhado com humanos e não humanos, que é a Amazônia, conforme Paes Loureiro (2003), a encantaria seria um espaço de quimeras. Entendemos esse espaço como o lugar das imagens míticas: cobras grandes que, ao se moverem, causam deslizamentos de terras; botos que se transformam em homens para seduzir moças; curupiras que se vingam de caçadores mal intencionados, iaras que levam seus amados para a rio-morte, etc.

Na narrativa, esse espaço quimérico é protagonizado agora pelo casal de cobras, nomeados de Honorato e Maria, mas popularmente conhecidos como Cobra-Norato e Maria-Kaninana. Nesse contexto, há de se pensar no que Viveiros de Castro (2004) chama de perspectivismo e multinaturalismo indígena, que é o aspecto do pensamento indígena que considera o mundo habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vistas distintos. Enquanto o perspectivismo destaca que cada ser vê o mundo de modo único, o multinaturalismo propõe uma única cultura compartilhada, mas múltiplas naturezas, dependendo do corpo e da experiência de cada ser. Esses conceitos desafiam a separação ocidental entre natureza e cultura, enfatizando a pluralidade das realidades.

Os gêmeos são lançados no rio para se criarem. Ao longo da narrativa, os irmãos cobras apresentam-se com comportamentos antagônicos. Vistos em forma de bicho, mas também como encantados, os personagens podiam voltar em alguns momentos a forma humana, como mostra o excerto:

Cobra-Norato, o macho, era forte e bom. Não fazia mal a ninguém, pelo contrário: não deixava que as pessoas morressem afogadas, salvava os barcos dos naufrágios, matava as grandes piraybas que tentavam engolir gente que nadava nos rios [...]. Cobra-Norato viajava pelos rios do baixo Amazonas. Passava dias subindo o rio-mar, até chegar à ilha Tupinambá´rana, onde fica Parintins. Lá, ao cair da noite, **ele se transformava em um rapaz moreno**

para namorar as kunhã-porangas que bailavam nos terreiros alumiados por lamparinas em tempo de boi-bumbá [...].

Maria-Kaninana era muito diferente do irmão. Não era boa, fazia questão de mostrar sua maldade, atacando os barcos de recreio, os regatões que desciam os rios para vender suas mercadorias, enfim, todos os tipos de embarcação. Ela afogava as pessoas que caíam no rio, matava os peixes para os pescadores não poderem pescá-los e nunca ia visitar a mãe (YAMÃ, 2004, p. 60-61, grifos nossos).

A relação com o mundo dos humanos é mantida de forma harmoniosa apenas por Cobra-Norato, que visita sua mãe em determinados momentos, mais precisamente em noites de lua cheia: “ele saía da água, arrastando seu corpo enorme e brilhante, refletindo o kawrê do luar. Então deixava o couro de serpente à beira do rio e transformava-se em gente” (YAMÃ, 2004, p. 60). A ideia da couraça que esconde ou aprisiona a forma humana de Cobra-Norato pode ser interpretada à luz do perspectivismo e do multinaturalismo propostos por Viveiros de Castro (2004). Segundo ele, a forma manifestada por cada espécie é como um "envoltório" ou uma "roupa" que oculta uma essência interna humana. No caso de Cobra-Norato, a couraça simboliza essa camada externa, que esconde sua verdadeira natureza humana. Essa visão reflete a concepção indígena de que todos os seres, sejam humanos, animais ou espíritos, compartilham uma essência comum (são "pessoas"), mas se apresentam ao mundo com formas diferentes, dependendo de seus corpos e perspectivas.

Viveiros de Castro (2004, p. 227-228) destaca que essa forma interna humana é "normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres transespecíficos, como os xamãs". Isso significa que a verdadeira natureza de Cobra-Norato, assim como a de outros seres, só pode ser percebida por aqueles que possuem a capacidade de transcender as aparências, como os xamãs, que atuam como mediadores entre os mundos humano e não humano. A couraça, portanto, não é apenas uma barreira física, mas também uma metáfora para a separação entre as diferentes perspectivas e realidades.

Essa ideia, portanto, desafia o conhecimento ocidental moderno, que tende a ver a forma externa como a única realidade. Para os povos indígenas, a aparência é uma espécie de "disfarce" que esconde uma essência compartilhada por todos os seres. Em Cobra-Norato, a couraça representa essa dualidade entre o que é visível e o que é invisível, entre a forma e a essência. A narrativa, ao revelar essa tensão, convida o leitor a questionar as fronteiras entre humano e não humano, entre aparência e realidade, e a reconhecer a complexidade das relações entre os seres.

Na narrativa mítica, cujo objetivo é informar e justificar a criação, os diferentes seres se relacionam de modo intrínseco. Outros acontecimentos que informam sobre as relações entre homens e animais no contexto indígena são citados por Lévi-Strauss, como o caso do mito dos waiwai, etnia da família karib. Nas descrições do antropólogo, essa etnia explica as diferenças entre as espécies de animais e entre animais e humanos por meio de uma série de combinações e dosagens:

No princípio, alguns dos seres destinados a se tornarem animais casaram-se entre si, ou com futuros humanos. Havia então pouca diferenciação entre os seres. Das uniões entre animais virtuais, entre estes e humanos virtuais, ou ainda entre estes últimos, nasceram espécies mais diferenciadas, e assim por diante [...]. A união entre quadrúpedes machos e abutres fêmeas produziu os indígenas sedentários. A de gambás machos e mulheres humanas, indígenas caçadores de aves de grande porte. Quatis machos e abutres fêmeas deram origem às etnias estrangeiras. Entre estas últimas, as que foram geradas por araras machos e abutres fêmeas são mais fortes do que os Waiwai. Algumas cutias machos geraram indígenas que, além de estrangeiros, são selvagens e sobretudo cruéis (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 13-14).

Os exemplos acima são ilustrativos para entendermos as narrativas míticas amazônicas, que rememoram ou alertam sobre os perigos do desconhecido que são as encantarias. Se faz interessante, ainda, pensarmos que cada narrativa tem um contexto, uma versão e uma função. Essa, por exemplo, tem um fator preponderante, que desencadeia todo um enredo e prende o leitor, que é o encantamento dos personagens cobras. Os encantados, são capazes de transitar entre os dois mundos. E a cobra, nesse caso específico, como elemento do imaginário dos grupos indígenas amazônicos é repleta de representações e simbologias: se por um lado beneficiou a humanidade com os motivos gráficos contidos em sua pele, por outro possui dupla identidade, já que vive tanto na água como na terra e por meio da capacidade de trocar de pele possuem também a capacidade de fazer mediações entre diferentes mundos (LAGROU, 2007).

A capacidade de transitar entre o mundo das encantarias e dos humanos não é uma particularidade unicamente de Cobra-Norato, mas é exercido apenas pelo referido personagem, uma vez que o contato de Maria-Kaninana com os humanos é feito sempre de forma predatória, inclusive com o próprio irmão, que tentava convencê-la a mudar seu comportamento e frear suas maldades. O comportamento dos gêmeos representa a dualidade bem e mal, tema bem presente em outras narrativas ao redor do mundo. Nesse sentido, a sequência de eventos nos mitos não parece obedecer a nenhuma regra lógica ou continuidade. Em outras palavras, qualquer personagem pode ter qualquer atributo, e qualquer tipo de relação imaginável pode

ocorrer. No entanto, apesar de sua aparente arbitrariedade, os mitos se repetem com características semelhantes e, muitas vezes, com os mesmos detalhes, em diferentes partes do mundo. Isso levanta a questão: se o conteúdo dos mitos é totalmente contingente, como explicar a semelhança deles em lugares tão distantes entre si? (LÉVI-STRAUSS, 2015).

Conforme a narrativa, num primeiro embate entre os irmãos, Cobra-Norato investiu contra a irmã que comia as vítimas de um naufrágio e a cegou de um olho. “Ela parou de atacar os naufragos e se foi, varando os aningais, até chegar a um lago chamado Tapai’uma, nas bandas do paraná do Ramos (YAMÃ, 2004, p. 61-62). O embate maior entre os irmãos acontece, quando Maria-Kaninana sai do lago depois de dias reclusa, causando enorme estrondo e destruição.

Foi arrastando barrancos, jogando banzeiros em terra, até que abriu um furo largo e profundo, que hoje chamam de Furo da Boiaçu. Depois passou a atacar uns pescadores que tarrafeavam na boca do paraná do Limão, próximo a Parintins.

Cobra-Norato ficou sabendo e foi até lá. Ao ver Maria daquele jeito, não se controlou e a matou. O corpo de Maria então se desencantou, e ela se transformou em uma moça bonita e serena, bem diferente daquela cobra má, que metia medo em todo o mundo (YAMÃ, 2004, p. 62).

Com a morte, a personagem Maria-Kaninana assume a forma humana e perde os traços maléficos que carregava enquanto cobra. A metamorfose é um acontecimento constante nas narrativas indígenas e isso diz muito sobre a literatura da região amazônica. São acontecimentos que refletem de forma impressionante a grandiosidade desse espaço único, traduzindo a magnitude de seus rios e florestas. Paes Loureiro (2003) reflete sobre essa questão ao sugerir que, nesse contexto, a própria vastidão e o mistério da Amazônia exigem que sua realidade elevada seja habitada por seres igualmente grandiosos, como as divindades que habitam esses "olimpus submersos", as encantarias. O estudioso de forma ilustrativa cita o exemplo da boiúna – coincidentemente condizente com o conto em análise, que personifica o irrepresentável do rio. Ela não é apenas uma criatura mítica; é uma representação do infinito, do desconhecido, do mistério que permeia a imensidão da natureza amazônica.

Voltando ao enredo da narrativa, Cobra-Norato ficou mal com a morte da irmã, organiza todos os ritos fúnebres e decide mudar de localidade: “Foi embora, descendo o rio Amazonas, e parou lá para as bandas de Óbidos, no estado do Pará” (YAMÃ, 2004, p. 62). A mudança territorial do personagem reforça ainda mais seus anseios de querer quebrar o encanto para ter uma vida longe da escuridão dos rios. Cobra-Norato ansiava constituir família, mas para isso

precisava desencantar, e o preço era alto demais, haja vista que a cobra tinha que morrer para o seu renascimento em forma de homem. Consideramos esse o início de um momento culminante da narrativa, pois intensifica a relação do personagem com o mundo dos humanos, ao revelar sua identidade a um soldado que conheceu em uma festa de beiradão. O soldado, que lhe prometeu ajuda, se torna o único vínculo entre Cobra-Norato e a possibilidade de retorno definitivo à forma humana, vejamos:

Vendo Honorato naquela aflição, o soldado prometeu fazer o que o rapaz lhe pedia. Honorato avisou que ele deveria ter muita coragem e não se desesperar quando visse o monstro de que todos os espíritos tinham medo. Honorato ensinou ao soldado como desencantá-lo.

- Você deve cortar a ponta do seu dedo, empoquecá-lo com um pouco de sal e esperar armado com uma pistola, na praia onde vamos combinar. Então você terá de me matar. Mas por favor não erre o tiro. Se errar, não poderei salvá-lo, pois a minha parte de cobra é mais poderosa e vai querer matá-lo (YAMÃ, 2004, p. 63).

O momento do desencanto acontece em plena meia noite, a partir do tiro disparado pelo soldado. A cobra gigantesca cai morta, mas a metamorfose não acontece de imediato, apenas depois de algumas horas quando já apareciam os primeiros indícios da manhã. Com a quebra do encantamento, o personagem se reafirma apenas como Honorato, humano e extremamente agradecido pela ajuda do amigo. Por meio dessa transformação, o conto revela, de forma simbólica, a busca por identidade, liberdade e pertencimento, além de demonstrar que no mito não há fronteiras entre as diferentes formas de vida. Nesse espaço poetizado e repleto de mistérios que é a Amazônia, seus habitantes experimentam e interagem com a natureza, moldando tanto o mundo ao seu redor quanto a si mesmo. Isso ressoa uma visão de espiritualidade e conexão com a terra, onde a paisagem não é apenas um espaço físico, mas também um reflexo da alma humana, um local onde as forças divinas e as encantarias se entrelaçam para criar uma realidade poética e sagrada (LOUREIRO, 2003).

No final do conto, o autor apresenta o reencontro de Honorato e sua mãe, a quem revela o acontecido com Maria-Kaninana. “Finalmente Honorato pôde ser gente. Viveu feliz com sua mãe, casou-se, teve filho, mas sempre se lembrava da irmã que ele tanto amava” (YAMÃ, 2004, p. 64). O final do conto aparentemente apresenta um “final feliz”. No entanto, um olhar mais agudo revela camadas de complexidade que vão além dessa ideia superficial de felicidade. Quando o texto afirma que Honorato “pôde ser gente”, há uma carga simbólica profunda. Essa expressão não se limita à reinserção dele na sociedade humana, mas também reflete uma

aceitação de sua própria humanidade, marcada por perdas e traumas. O processo de "ser gente" implica reconhecer suas dores e responsabilidades, como a lembrança de Maria-Kaninana. A felicidade de Honorato é atravessada pela saudade e pela culpa. Ele casa-se, tem filhos e reconstrói sua vida, mas a lembrança constante da irmã que ele "tanto amava" revela que há uma sombra permanente em sua existência. Isso questiona a noção de um "final feliz" absoluto, mostrando que a felicidade pode coexistir com a dor e a perda.

Assim, o reencontro com a mãe e a reconstrução da vida de Honorato podem ser vistos como uma resolução simbólica de um ciclo doloroso. Esse final, portanto, pode ser interpretado como uma crítica ao ideal de felicidade perfeita. Em suma, o "final feliz" da narrativa é complexo e multifacetado. Ele revela que a felicidade pode conviver com a dor. Honorato encontra paz, mas carrega consigo as marcas de suas experiências, mostrando que a vida é feita de luz e sombra, e que a verdadeira felicidade talvez esteja na capacidade de viver com ambas.

Em suma, o conto em referência, inserido na perspectiva da encantaria, revela a profunda conexão entre o ser humano e a natureza, uma relação moldada pela cosmovisão amazônica, representada nas ações dos personagens. As paisagens dos rios, mencionadas inúmeras vezes na narrativa, é mais do que um cenário físico: é permeada por forças e mistérios que desafiam o pensamento moderno ocidental.

A literatura indígena e a preservação das tradições e mitos amazônicos

Em defesa de seus direitos, costumes, crenças, línguas e tradições, muitos grupos indígenas vêm utilizando diversos instrumentos para resistir às opressões da sociedade hegemônica e manterem suas culturas e identidades vivas. Nesse ínterim, essa luta e corrida pelo direito de existir ganhou um veículo político importantíssimo: a escrita. A partir dessa escrita, passaram a cravar nas páginas dos livros e na História a sua própria literatura de caráter milenar, repassada anteriormente entre muitas gerações através da oralidade.

Em outras palavras, para esses grupos, a literatura indígena se configura, antes de tudo, como um instrumento essencial de diálogo e conscientização perante a sociedade, além de uma ferramenta vital para a preservação das tradições e narrativas míticas. Nesse sentido, é crucial destacar que o resgate e o reconto dos mitos amazônicos desempenham um papel fundamental não apenas na manutenção das tradições, mas também na sobrevivência física e epistêmica dos

diversos povos indígenas, garantindo que seus saberes, histórias e identidades continuem a ecoar através dos novos tempos.

Os mitos, muitas vezes interpretados pela razão ocidental como meros relatos fantasiosos, distantes de um caráter histórico ou verdadeiro, possuem, para as populações indígenas, significados importantes. Eles representam a explicação e a organização do mundo, uma realidade vivida e experienciada no cotidiano. Essas narrativas não apenas regem as relações sociais dentro das comunidades, mas também estabelecem a harmonia com a natureza, os animais, os encantados e os espíritos protetores da floresta. Por essa razão, a preservação desses mitos é de extrema importância, pois eles carregam saberes ancestrais que sustentam identidades, culturas e modos de vida.

Para os maraguá e sateré-mawé, por exemplo, etnias que Yaguarê Yamã pertence, “os mitos explicam muitos acontecimentos. De como os seres humanos vieram ao mundo e como ele foi criado por Monãg, o deus do bem, e embelezado por Guaziry, seu filho – criador do povo maraguá” (YAMÃ *et al.*, 2014, p. 80). Ainda de acordo com essas etnias, as mitologias nascem e servem para a manutenção da vida, são explicações para a existência baseadas nas leis da natureza. Os encantados, muito presentes nas narrativas míticas, orientam os povos da floresta a como tratar a natureza, os animais, as águas e tudo que pode garantir a sobrevivência dos seres humanos e da mãe-terra.

Sabendo da importância de suas próprias tradições, muitos escritores e escritoras indígenas passaram a resgatar as mitologias do seu povo e apresentar para a sociedade os seus modos de ver e pensar o mundo. Isto é, trata-se também de uma estratégia desses agentes para não deixarem que essas histórias/narrativas desapareçam com o tempo e a morte dos anciões, que são os principais portadores desses saberes ancestrais e responsáveis por repassar aos mais jovens.

Em outras palavras, a literatura indígena tem um papel extremamente relevante no resgate, valorização e disseminação das tradições e mitos amazônicos, pois reafirma a identidade cultural dos povos indígenas que estão resistindo ao massacre anunciado desde 1500 no Brasil. Para os escritores, escritoras e seus grupos étnicos, publicar um livro detém valor político e simbólico, por isso ter suas ideias impressas e lidas é muito importante nesse processo de retomada de direitos. Assim, por meio desse canal de resistência, as populações indígenas divulgam as situações que vivem, os seus saberes ancestrais negados e sua forma integradora de ver, pensar e viver no mundo.

Considerações finais

A análise do conto “As duas cobras encantadas”, evidencia como o tema da encantaria se articula na poética de Yagurê Yamã para criar um universo literário profundamente enraizado na cosmologia amazônica. A encantaria, conforme abordado por Paes Loureiro, traz à tona uma linguagem simbólica e poética que transita entre o real e o sobrenatural. Nesse cenário, com a ideia de perspectivismo ameríndio, abordado por Viveiros de Castro, a visão de mundo se amplia, nos permitindo compreender que seres humanos, animais e encantados compartilham uma mesma essência.

Assim, a narrativa reflete a interação entre o homem e a natureza como um processo de contínua transformação e recriação. Além disso, apresenta também a riqueza das tradições culturais e mitológicas da Amazônia, reafirmando o papel da literatura indígena como um veículo essencial para a preservação de memórias coletivas, mitos e valores que estão profundamente conectados a esse espaço cobiçado, misterioso e poetizado. Tendo o texto analisado como exemplo, é possível afirmar que a produção literária de Yaguarê Yamã se destaca, portanto, como um exemplo significativo de resistência cultural e valorização da identidade indígena, demonstrando a relevância da literatura indígena no cenário nacional como um espaço de reafirmação simbólica e cultural.

Essa breve análise, portanto, ressalta a importância de reconhecer e promover a literatura indígena não apenas como uma ferramenta para a preservação das tradições, mas também como um meio de enriquecer o panorama literário brasileiro, ampliando as perspectivas sobre o relacionamento entre cultura, natureza e humanidade. Essa literatura, além disso, oferece inúmeras possibilidades de análise e interpretação, configurando-se como um espaço fértil para a pesquisa e o debate acadêmico. As reflexões apresentadas aqui representam apenas algumas interpretações dentro de uma ampla gama de perspectivas e novos olhares, evidenciando a riqueza e a complexidade das narrativas indígenas.

Referências

LAGROU, Els. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica**. Rio de Janeiro: Toobooks Editora, 2007.

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Brasiliense, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Meditação e devaneio: entre o rio e a floresta. **Somanlu**: Revista de Estudos Amazônicos, v. 3, n. 1 e 2, p. 23-33, 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A poesia como encantaria da linguagem: In: **Blog do Paes Loureiro**, 2007 Disponível em: <http://www.veropoema.com.br/a-poesia-como-encantaria-da-linguagem-por-joao-de-jesus-paes-loureiro> Acesso em: 18 jan. 2025.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. 4.ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, n. 018, setembro de 2004. Disponível em: <https://oquenosfazpensar.fil.pucRio.br/oqnfpa/article/download/197/196/1601>. Acesso em 12 de fev. de 2025.

YAMÃ, Yaguarê. **O caçador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

YAMÃ, Yaguarê *et al.* **Maraguápéyára**: história do povo maraguá. Manaus. Valer, 2014.